

○ NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

Editorial

Pagar pontualmente os impostos é um dever inadiável de todos os cidadãos.

Parece-me que todos estamos de acordo quanto a este princípio. Mas o facto é que também todos estamos em desacordo quer quanto ao peso dos impostos, à sua efectiva universalidade e à utilização que deles faz o Estado, ou seja, ao somatório de milhares de pessoas que representam, dirigem e condicionam quer a nossa vida quer a das gerações vindouras.

Em contrapartida dos impostos que pagamos, e da mais-valia que quer trabalhadores quer empresários contribuem para a comunidade, o Estado tem por obrigação proporcionar a todos os cidadãos, sem discriminações de qualquer espécie, entre outros, o acesso à justiça.

Que se quer rápida e acessível.

Justiça, para quem?

O que não acontece.

Vêm estas considerações a propósito da recente legislação sobre custos judiciais, matéria que tem constituído uma telenovela à portuguesa, com quantificações bastante díspares em funções dos argumentos das partes, e com alterações legislativas constantes, a título de «rectificações de pequenos erros de cálculo».

É opinião unânime que a actualização das custas judiciais é de tal modo gravosa para a bolsa dos contribuintes que, a prazo, irão para o desemprego milhares de trabalhadores dos vários tribunais, dado que a justiça passará a ser negociada particularmente entre as partes desavindas.

Voltaremos portanto, no último cartel do século XX a ter uma justiça que em tudo é uma actualização da do Morgado de Fafe, com o ónus de que os hospitais parece não terem capacidade de acolhimento a todos os feridos.

Mas, de facto, somos um povo de brandos costumes.

Tanto assim é, que me parece não ter tido conhecimento de qualquer reclama-

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

AVELINO PIRES CARNEIRO

(Continuado do número anterior)

Já dissemos atrás que o pai Fulão morreu cedo. Dos quatro irmãos, o Avelino era aquele que revelava melhor queda para os cavalos, quer para o negócio com os mesmos, quer para os tratar. Com ele foi o irmão Mário que se adaptou bem às exigências de uma alquilaria. Os cavalos faziam a ligação entre a Póvoa, Fão e Esposende. Na então vila poveira o carro e os cavalos eram alojados no Hotel do Sinal, já desaparecido e ocupado actualmente pela Casa das Zitas, perto da C. G. de Depósitos. A alquilaria dos Fulões não fazia só a ligação com o caminho de ferro da Póvoa. Servia outrossim para mandar os cavalos à feira, ao médico, às romarias, com clientes, claro está, exactamente como fazem os táxis hoje, só que com outro raio de acção.

Entretanto chegou ao concelho a era dos transportes mecânicos, e António Duarte, da vila vizinha, compra a camioneta que fazia a ligação Esposende-Póvoa. Em Fão constituiu-se também uma sociedade que era composta pelo Silva da estrada (pai de D. Aracy), Mário Plica e o sogro do Xico Mariz. Guardavam a camioneta — di-lo a D. Aracy — por baixo da sua casa, enquanto outras pessoas nos garantem que a garagem era aquela que actualmente se encontra de frente à casa que foi de António Silva. Talvez as duas versões tenham a sua razão.

Os manos Pires Carneiros foram para o Brasil, mas enquanto o Mário em breve regressava a Fão e morre cedo, o Avelino subia a pulso as escadas da vida. No começo foi marçano e mais tarde empregou-se na Macedo, Portas & C.ª onde cedo se guindou ao lugar de sócio. Ao serviço da empresa, viajou por tudo quanto era Brasil, chegando a ser o utente n.º 1 de uma caderneta de viagens que a Panair inaugurou na altura. Era um sentimental. Para onde quer que fosse, levava sempre consigo uma ponta da corda do Senhor Bom Jesus de Fão. Sentia-se protegido com esse talismã.

Não esqueceu nunca a terra que o viu nascer nem as suas instituições. Quando morreu a mãe que muito estremeceu, propôs aos irmãos a entrega do edifício da antiga alquilaria aos Bombeiros. De resto foi um

(Continua na página 2)



ESPOSENDE E OS CTT

Pessoa amiga fizera-nos chegar às mãos uma folha informativa editada pelos CTT quando da inauguração das novas instalações daqueles Serviços de Esposende, no dia 8 de Junho de 1984.

Contem a mesma uma resenha histórica sobre Esposende e ainda sobre os Serviços naquela localidade.

Embora decorridos quase 4 anos sobre o evento, os dados constantes daquela folha informativa merecem-nos alguns reparos.

Nela se diz que «Esposende» foi uma das vilas luso-romanas da beira-mar e que tal vila, «progenitora de Esposende, se desmembrara em quintas diversas, mas numa delas, ficara o Senhor Espanuzfús e, com ele, a sua VILLA ESPANUZÉNDI, o grande prédio rústico

(Continua na página 4)

AVELINO PIRES CARNEIRO

(Continuado da página 1)

grande benemérito — houve quem lhe chamasse Gulbenkian — de Fão, que visitava com frequência.

Da época de cinquenta conseguimos uma listagem parcial das suas benesses: seis contos para o arranjo da sala dos Bombeiros; cinco para a Cantina Escolar Joaquim Mariz; cinquenta para as Conferências de S. Vicente de Paulo; dez para a Irmandade do Bom Jesus; 6.700\$00 para debelar uma crise no Clube das Grulhas; dez para o Clube Fão-zense; cinco para o túmulo do senhor Prior Nogueira; setenta ao Hospital para uma sala de operações em memória de sua mãe.

Juntamente com Sobral e Joaquim Mariz (a trindade bendita) oferta à Câmara de Esposenda de uma elevada importância para a vinda da água para Fão em determinadas condições. Houve desentendimento — parece que as condições em que se baseava a oferta não foram cumpridas — o Artur Sobral retirou a sua importância que depois canalizou para os Bombeiros, mas Avelino Carneiro manteve a sua oferta de esc. 26.607\$00, o mesmo fazendo Joaquim Mariz. Este dinheiro todo na época era um balúrdio.

Infelizmente as coisas ao nível de negócios não correram de feição. Parece que um sócio se locupletou. De qualquer modo, mesmo na maré baixa, ainda visitou Fão pela última vez. Vá lá que o povo de Fão portou-se à altura. Ainda nos lembra o jantar que lhe foi oferecido nos Bombeiros. Estava lá o melhor que havia na terra e cantou-se pela noite fora como só os fangueiros sabem cantar. Avelino, esse estava comovido. Os conterrâneos não esqueceram o benemérito que ele tinha sido e que já não era só porque não podia sê-lo.

EDITORIAL

(Continuado da página 1)

ção ou manifestação organizada pelas associações de utentes da justiça.

Pelo contrário, quem tem protestado e bem, é a organização representativa dos Advogados, ou seja, uma organização de intermediários. Advogados esses que ainda por cima terão de facturar com o IVA, pago também pelo consumidor da justiça, e que obviamente não será dedutível.

O que quer dizer mais uma vez será o consumidor a pagar um imposto que de certo irá dar os dividendos ao Estado, já que a introdução do IVA será uma forma indirecta de as Repartições de Finanças determinarem a matéria colectável, quanto a Imposto Profissional, desses mesmos Advogados.

Daí que em breve, tal como acontece com alguns médicos, a recepcionista do consultório do nosso advogado nos pergunte: com ou sem recibo?

23.03.88

NEVES FRANCISCO

FALECIMENTOS

Faleceu em Fão com 54 anos de idade António Caseiro Solinho.

No espaço de dois ou três anos morreram 5 pessoas nesta família: primeiro uma irmã do falecido, depois o pai; em seguida uma sobrinha e mais tarde o irmão Joaquim.

Mais uma vez apresentamos sentidos pensamentos.

★

No Lar da Terceira Idade faleceu com a idade de 90 anos Rosália Santos Costa, a Rosália Manica.

Era a pessoa mais idosa de Fão.
Que descanse em paz.

Assembleia no Hospital

Para apreciação e aprovação do Relatório e Contas da Santa Casa da Misericórdia de Fão, reuniu no Salão Nobre do Hospital uma Assembleia Geral no dia 24 de Março, presidida por Carlos da Palma Rios.

Poucos irmãos como sempre que não cheira a mostarda.

A despesa atingiu os 96 mil contos, mas a receita ultrapassou os 99 mil, pelo que houve um *supera-vit* de três mil.

Por maioria de 43 votos contra 3 e uma abstenção, foi aprovado o aumento de cotas de 20 para 50 escudos. Não pudemos estar presentes mas, se estivéssemos, seríamos o quarto voto contra, pois não faz sentido que o Hospital se dê ao luxo de editar um Boletim que distribui gratis e depois vem onerar os irmãos com o aumento de cotas. Alegar que a Santa Casa tem amigos, que o jornal não «pesa», é redundante, pois há sempre um desvio de verbas, mesmo que ofertadas.

Um irmão trouxe à reunião o caso da ausência do estandarte em funerais. Pelos vistos faltam pessoas para a bandeira. Em tempos tinham-se oferecido quatro pessoas, mas o certo é que, quando chamadas, não apareceram.

A obras actuais dizem respeito ao aumento do Lar (terminam lá para Setembro) e à instalação dos Raios X.

A propósito queremos aplaudir a recente aquisição de um aparelho de ecografia e a próxima inauguração de um gabinete de endoscopia.


Trata-se de uma medida de grande alcance social económico. As pessoas necessitadas de tais exames tinham que sair da terra, com elevada custa de estada, transporte e de tempo. Agora tudo vai ser mais fácil e o concelho ficará melhor servido.

FESTA DO SENHOR BOM JESUS

A hora de fecharmos esta edição, estão a decorrer as festas do Senhor de Fão. Na sexta houve as Marchas, o número de mais sensação. Exibiram-se os representantes da Areosa e do Ramalhão. Impecáveis. Os do Ramalhão mais típicos. Os de Areosa mais senhoriais. Sobre tudo bem cadenciados, bem vestidos e melhor sincronizados. Foi pena a falta das Pedreiras. Mas às Pedreiras falta uma certa noção do estado. Tanto são bestiais como não são. É difícil prever as suas reacções.

Lindo e diferente o tapete de flores dos Irmãos Matias. Nova e feliz disposição de luzes. O tema foram os Descobrimentos. Com a esfera armilar e uma caravela a preencherem o desenho. Parabéns.

NOVA GERÊNCIA




Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Ríza Júnior, 157 - Telef. 22011 - 27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

DE APÚLIA

ENFIM... VILA — Se em Esposende houve em tempos freguesias que mereceram o título de vilas, hoje, Apúlia, pela sua actividade e pujança económica, pela sua densidade demográfica, pela indústria e comércio que já possui, pelas suas qualidades naturais, e pela autêntica explosão de construções, também o merece.

O deputado António Ribeiro, natural do concelho, e que por isso bem conhece Apúlia, em seu nome e no do Partido que representa, Partido Social Democrata, propôs na Assembleia da República a elevação desta freguesia a vila, proposta que mereceu a aprovação unânime de toda a Assembleia. O nome daquele deputado e o do seu Partido, ficarão para sempre ligados a esta nossa terra.

Não seria honesto da nossa parte afirmar

O Mundo em que vivemos

ROQUE & C.^a

Pois é verdade. Também nós vemos o «Roque Santeiro». A princípio, fez-nos uma certa confusão, com aquelas cenas de «lobis-homem», de cemitérios à meia-noite, etc. Foi-nos, porém esclarecido por pessoas brasileiras do nosso convívio, que essa mistura de religião, superstição e fetichismo, tenta retratar o «clima» que se vive nalguns lugares do país-Irmão.

À luz desta explicação, procuramos ver e entender a telenovela do Roque. Até aqui, tudo bem.

Mas, a partir de sábado passado, algo de inesperado surgiu. Por razões que não vêm ao acaso, apenas costumamos ver televisão à noite, seja semana ou domingo. No sábado anterior àquele em que estamos a escrever estas linhas, por alteração do programa, demos connosco, passada já a uma hora da tarde, a almoçar frente a um televisor em funcionamento. Ouvindo o sotaque brasileiro, prestámos atenção e concluímos estar em face de uma outra telenovela, para nós até então desconhecida, pelas razões acima expostas.

O nosso olhar, que pousava, distraído, sobre o écran, já que nada entendíamos do enredo, por ignorarmos o anterior, tornou-se subitamente atento e quedámos com espanto — e até uma certa estupefacção — a contemplar a cena: um indivíduo até aí de aparência normal, transformara-se repentinamente num vampiro (mais bonitinho que o «Siô Professô», valha-nos isso!) que, exibindo longos e afiados caninos, se preparava para os enterrar no pescoço roloço e branco de uma senhora! Depois, uma cena em que o grupo de pessoas encapuzadas dançavam(?) e cantavam(?), numa chinfri-

que Apúlia já tem tudo o que uma vila necessita para o ser de facto. Mas quem pode garantir que não foi dado agora o grande passo para a concretização dos anseios da comunidade? Há muito ainda aqui por fazer; mas para fazer, estamos certos: o saneamento básico, o ensino preparatório, o reforço da luz e da água, a sede da Junta de Freguesia, o infantário, o pavilhão gimnodesportivo, o alargamento e a abertura de umas ruas, o bairro de renda económica, o parque de campismo; e também a reposição da «verdade» em Cedovem e Pedrinhas.

O grande passo está dado. Que os outros se sigam agora. E que venha a esperada e merecida festa.

FALECIMENTOS — Em Sapardos (Vila Nova de Cerveira) faleceu a senhora Júlia Gonçalves da Silva, viúva, residente naquela freguesia. A extinta era irmã do nosso Pá-roco, Rev.º Manuel Alberto Gonçalves da Silva, a quem este jornal apresenta pêsames.

Também faleceu, no lugar da Areia, o

senhor António Eusébio da Silva, casado com a senhora Alzira Eduarda Barbosa Rodrigues, a quem deixamos o nosso cartão de pesar.

Também no lugar da Areia havia falecido recentemente o senhor António da Silva Torres. O popular «barrigana» deixa viúva a senhora Esmeralda Gonçalves da Costa, a quem apresentamos os nossos pêsames.

DO BRASIL — A passar curta temporada entre os seus, encontra-se nesta freguesia o senhor Armindo Valentim da Silva, acompanhado da esposa, Maria Otília Faria Carvalho.

CONSTRUÇÃO DA RUA DO AÇUDE — Procedem em bom ritmo as obras de alargamento e pavimentação da rua do Açude até ao campo de futebol.

NOTÍCIAS BREVES — Encontra-se ligeiramente adoentado o senhor Avelino Fernandes Filipe, Presidente da Direcção da Casa do Povo.

— Concluíram já a sua formatura no ramo de engenharia os jovens apulienses, António Silva Santos e Maria Alice Veloso Ribeiro, filhos dos senhores Joaquim Ferreira do Santos e Porfírio Alves Ribeiro.

— Em Coimbra, frequenta um curso superior de administração autárquica, o jovem apuliense, João Carlos Cardoso Pereira da Fonseca.

NOVO ESTABELECIMENTO — Abriu recentemente ao público um novo estabelecimento de móveis, na Avenida da Praia, junto ao largo da Senhora da Guia.

FUTEBOL — Parece que finalmente se começa a ver uma réstea de luz no fundo do túnel. O Apúlia já está em quinto, a contar do fim, quando há um mês era o último da classificação geral. Os resultados têm sido francamente animadores, o que permite acalantar fundadas esperanças. Força rapazes. Mais uns pontinhos, e já se pode respirar.

REIMELI EM MARCHA

António Sá Pereira abriu em Lisboa, junto a Alvalade, uma filial da Casa Reimeli, sediada no Porto.

Esta medida enche-nos de contentamento por vários motivos: trata-se de um confrãneo, de um amigo e de um anunciante.

Não nos venham perguntar se a expansão da Empresa Reimeli se deve ao anúncio que o Consul Sá Pereira mantém em «O Novo Fanguero» desde a primeira hora. Trata-se de uma feliz coincidência.

Mas que os anunciantes de «O Novo Fanguero» vão de vento em popa isso é uma verdade.

QUEIMA DE JUDAS

No sábado de Aleluia queimou-se o Judas em Fão. Foi no Largo dos Bombeiros. O Armando Solinho leu o testamento. Dizem alguns, os outros, que foi brando. A nós pareceu-nos comedido.

ESPOSENDE E OS CTT

(Continuado da página 1)

co, a quinta morada, o conjunto de propriedades que depois formaram um lugar, uma povoação que deu origem à Vila que hoje é sede de um concelho».

Há sérias dúvidas quanto à origem de Esposende, pois só nas Inquirições de 1258 ordenadas por D. Afonso III é que se encontra referência, e pela primeira vez, a um Casal em «Esposendi» e lugar da freguesia de «Sancto Michaele de Zopãis», actual lugar de Cepães, da freguesia de Marinhãs. Segundo alguns autores, certos topónimos e vestígios arqueológicos levam a supor a «existência de um povoado romano nas proximidades da vila, se não mesmo nela».

A ter existido o predito povoado romano, este teria sido insignificante e desaparecido, pois «Esposende» é o local ou termo a que as Inquirições de 1220 não fazem qualquer alusão; no entanto as mesmas Inquirições mencionam Cepães, Palmeira, Gandra e Fão, por exemplo. Portanto «Esposende» não existia em 1220, e surgiu posteriormente, mas antes de 1258, cujas Inquirições já indicam «Espoesendi».

Parece pretender-se, da mesma folha informativa, com a citação de «VILLA ESPANUZÉNDI», do Senhor Espanuzidus, que daí adviria o nome de Esposende.

Divergem as opiniões sobre a origem da actual palavra «Esposende».

Por nos parecer fastidioso não se cita quanto se averiguou, apenas se podendo dizer que sobre o nome «Esposende» se debruçaram alguns competentíssimos filólogos. Cada um teve as suas razões, defensáveis aliás, mas a verdadeira origem é que permanece ignota.

Mais se diz, naquela folha informativa, que foi por Foral de 17 de Agosto de 1572, que D. Sebastião elevou Esposende à categoria de Vila.

Em 1972 ficou esclarecido, e publicado, que aquele Foral tem data de 19 de Agosto, e não 17 conforme consta de algumas publicações. Aliás tal esclarecimento, comprovado, motivou a transferência do Feriado Municipal

que era a 15 de Agosto, para o referido dia 19.

A referida folha informativa ainda nos diz «As primeiras instalações dos CTT nesta localidade datam de 4 de Fevereiro de 1867, ocasião em que se procedeu à abertura da primeira Estação dos Correios em Esposende».

Ao menos prevenido poderá parecer que Esposende dispõe de Correio apenas desde aquela data.

Ora pela Reforma Postal de 27/10/1852 que agrupou as diferentes localidades do reino em Administração, foi criada a Administração Central dos Correios de Viana com as seguintes Direcções:

.....; 103 Barcelos; 104 Caminha; 105 Esposende; 106 Melgaço;

Estas direcções correspondiam às actuais estações dos correios, telégrafos e telefones, e aqueles números eram atribuídos a cada Estação e figuravam nos carimbos.

Assim é lícito supor que a «Direcção» — como a designa a referida Reforma Postal enquanto Arcos de valdevez, por exemplo, ficou como simples Delegação — tivesse já uma certa importância, e em instalações apropriadas, embora precárias como é óbvio.

Mas recuando no tempo, ainda temos: em 1799 terminava a Administração dos Correios-Móres. No entanto o sistema vigiaria ainda por mais de meio século após o resgate pelo Estado deste Serviço Público. E os Correios-Assistentes continuariam a ser, nas suas terras, os *rendeiros* da Administração central dos Correios, continuariam a arrecadar os *portes e prémios de seguro*, a fazer das despesas locais, e a dar ao estado, como davam ao Correio-Mór a *renda ou pensão anual do lugar*. Aquele ainda davam o indispensável *presente*. Esse presente que inicialmente era uma manifestação de cortezia do Assistente para com o Correio-Mór, transformou-se com o decorrer dos anos, num foro em *gêneros*, a cujo pagamento o *rendeiro* se obrigava em determinada época do ano.

Uma curiosa relação elaborada justamente em 1799 permite-nos saber:

Pitanças que pagavam os correios assistentes

Esposende — 20 varas de linho.

Com o fim da administração dos Correios-Mór, cujo Serviço passou para o Estado, acabaram as «Pitanças». Ao Estado, conforme atrás é referido, passou a ser paga apenas a *renda ou pensão anual do lugar*, situação que se manteve até à introdução do selo postal, posto em circulação no primeiro de Julho de 1853, porque com a inovação do selo de franquia o porte passou a ser pago pelo expedidor, privando os *assistentes*, agora chamados *directores*, da receita do seu ofício constante dos portes que cobravam. Em tais circunstâncias passaram a ser remunerados pelo Estado, como os outros funcionários públicos cessando assim a sua função de *rendeiros*.

Como nota final, poder-se-á ainda dizer que é referido, em 13/5/1758, que «Esposende tinha Correio que chegava ao domingo à noite e parte nas quinta-feira à tarde».

Março/88

ARMINDO DUARTE

Longa Vida



o que é bom da natureza

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

— RECEITUÁRIO MÉDICO
— LENTES DE CONTACTO
— APARELHOS DE PRECISÃO

LENTES DE CONTACTO

AGORA...

Com Gabinete de Contactologia no 1.º andar, para melhor servir os seus clientes.

VISITE AS NOSSAS NOVAS INSTALAÇÕES

RUA DA MISERICÓRDIA, 6-12 - 4700 BRAGA * Tel. 75777

PÁGINA JOVEM

Ora vivam, Jovens! Cá está a vossa Página. Continuam a chegar colaborações vossas, com o que «O Novo Fangueiro» muito se congratula. Continuem! É com muito agrado que o Jornal vê a vossa adesão.

Lembrem-se: A PÁGINA É VOSSA!



CÓDIGO
POSTAL

Eis uma nova secção, a partir de hoje ao dispôr de todos vós. Aqueles que tiverem problemas, dúvidas, dificuldades, etc., e queiram uma opinião, um conselho ou só até uma palavra amiga, poderão escrever para esta secção e, se quiserem, guardae o anonimato, usando um pseudónimo. receberão nesta mesma secção a resposta, que lhes será dada com toda a amizade pela

AVÓ MARIA.

OBRIGADA, MÃE!

Mãe,
De peito sorridente
E coração triunfal.
Que procuraste
As portas das nossas vidas
Abertas de par em par
Buscando nobre ideal.
Que sejas para sempre
Por estas sementes que geraste
Um Poema de Amor
Um Hino à Humanidade.

VANESSA

FLOR DO MEU JARDIM

Malmequer esquecido no jardim...
Cheiro a nenúfar flâmeco da retina,
Sonhos em flor, em cor que peregrina
Como aljôfar em taça de jasmim!

Malmequer desfolhado dentro... em mim...
Ab! Chovam cravos, campos de bonina!
Chovam lírios do corpo da menina!
Açucenas... Perfume... Benjoim...

E ao sentirmo-nos dentro da cor... perto...
Fica a cor, transparente no deserto,
Rio calmo, inocente, olorido.

Bebe-se o Sol... paisagem de um instante!
Conbece-se o perfume do amante...
Malmequer desfolhado e esquecido.

AFRODITE

DIVAGANDO

La eu, todo contente debaixo do braço do meu dono, o Onofre Segafredo, quando, de repente, reparei que se encastelavam muitas nuvens no céu. Pensei, cá com as minbas varetas, que estava para vir uma chuvinha daquelas boas... Um pouco de exercício para aguentar com a chuva e o vento, não estaria mal. Mas reparei, que agora, o céu estava negro e mais nuvens se juntavam. reparei também que as nuvens tomavam a forma de enormes canecas de água prontas a serem descarregadas. Não havia dúvida que não era uma simples chuvinha, mas sim uma grande tempestade outonal. Toda a gente abria os meus pobres cologas, prontos a levar com uma carga de água, das tais. Os comerciantes começaram a guardar a mercadoria exposta ao ar livre. Os carroceis estavam superlotados de gente que não trouxera guarda-chuva.

Quando a chuva começou tencei, desesperadamente, que o meu dono se fosse abrigar num desses carroceis, mas nada feito. Ele queria ver a chuva cair, ao ar livre e obrigou-me a ir também. A chuva era tanta e o vento soprava tão forte, quer só por sorte não fui parar ao hospital da C.G.C.I.A. (Cura de Guarda-Chuvas Impossibilitados de Abrigar). Nem queiram saber! Fiquei todo encharcado até às varetas! Tive de estar em seca durante 2 horas! Com isto tudo, para a semana peço a reforma!

Dez./86

TIAGO DUARTE OLIVEIRA
10 anos

DESENHO DO MÊS



ZIGURATE (TEMPLO) EM UR — de José Miguel (13 anos)

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

GROUP:

FIGUEIREDO & MARIZ, LDA.
TELEF. (59) 961693/4 — TELEX 32474 LIATEX
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE

MALHAS CEF, LDA.
(EXPORT DEPART.)

TELEF. (59) 962012 — TELEX 32059 IMPTUB
FONTE DE CIMA — BARQUEIROS
4750 BARCELOS

MALHAS RIDEL, LDA.
TELEF. (59) 962477 — TELEX 32059 IMPTUB
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE
PORTUGAL

Impetus

Alberto Figueiredo
Managing Director

PAUSA PARA SORRIR



ELE — Sabes? O nosso gato apanhou o 1.º prémio numa exposição.

ELA — O quê? Um gato vulgar como este?

ELE — Sim, porque apanhou o canário premiado numa exposição e comeu-o!

★

Um homem dirige-se ao chefe de um escritório: «Por favor, pode chamar o empregado Manuel, que eu sou o avô dele».

O chefe do escritório: «Impossível! O Manuel pediu-me hoje licença para ir ao seu enterro...»

★

Um homem embriagado tenta abrir a porta de casa com um cigarro. Um passeante interpela-o: «Você está bêbado! Então quer abrir a porta com o cigarro?» Responde o embriagado: «Bolas! Querem ver que fumei a chave???»

★

Em Londres, durante a 2.ª Guerra Mundial. Após um bombardeamento, os bombeiros removem os escombros dos prédios, em busca de sobreviventes. A certa altura, encontram um homem, pouco ferido, que ria às gargalhadas.

Coitado! — pensou um dos bombeiros. — O susto enlouqueceu-o. E perguntou-lhe:

— Ó amigo, quer dizer-me porque se ri tanto?

— Sabe, é que eu estava no quarto de banho. E quando puxei o autoclismo... caiu a casa toda!...

TITÂNICO

★ O Titânio é um metal branco, que beneficia de um ponto de fusão extremamente elevado e de uma resistência considerável.

Enquanto o ouro necessita de apenas 1065 graus centígrados, para se tornar líquido, e o aço 1530 graus, o titânio atinge o seu ponto de fusão só aos 1668 graus centígrados.

★ Mas somente no ano de 1910, foi produzido no seu estado bruto, apesar de descoberto em 1790, e propriamente, foi explorado tecnicamente apenas no ano de 1946, quando os engenheiros da aeronáutica, na busca do progresso, redescobriram este metal pouco conhecido, e contactaram com entusiasmo que se tratava de um verdadeiro milagre da natureza.

★ o Titânio possui uma extraordinária resistência à corrosão e às temperaturas elevadas.

As suas qualidades excepcionais, muito superiores à do aço, impõe-se como metal do futuro, até porque as reservas em minerais de Titânio, são abundantes sobre a Terra.

★ O Titânio é considerado o metal da nova geração.

★ Este curioso metal e as suas ligas, estão presentes na aeronáutica, em todas as partes estratégicas dos aviões mais modernos.

Os trens de aterragem, peças dos reatores, elementos dos chassis e os bórds de ataque das asas, estão cobertos ou fabricados de Titânio.

Também os foguetões, módulos espaciais e mísseis, requerem cada vez mais as qualidades incomparáveis deste metal, do futuro.

Também na cirurgia, o Titânio é cada vez mais utilizado, para o fabrico de implantes ósseos ou corporais.

É de facto perfeitamente compatível com os tecidos vivos e não provoca reacções de rejeição. resiste à corrosão dos fluídos do corpo e presta-se aos fabricos mais complexos.

★ Para além de todas estas particularidades, o Titânio tem a vantagem de ser muito mais leve que o aço.

Com uma densidade que dificilmente ultrapassa metade da do aço, a relação — resistência mecânica e peso de material, faz-se do Titânio um metal superior.

★ O Titânio é inatacável e sem ele o progresso vertiginoso da aeroespacial, da seronáutica, da cirurgia e outras técnicas de ponta, deste fim de século, não tinha sido tão rápido e espectacular.

★ Para finalizar, diremos ainda que alguns dos melhores relógios de pulso, estão já a ser equipados com caixas e braceletes de Titânio.

O Longines, por exemplo.

Titânio... o metal do futuro.

JORGE SANTOS

AQUELA IMAGEM

Não me sai dos olhos aquela imagem. de certeza que eu já tinha entrado naquela Igreja. Mas, ou porque fosse à pressa, ou ficasse no fundo, à porta, nunca a tinha olhado. Mas, este ano, ia bastante cedo e ficava à frente. E comecei a reparar naquela Imagem.

bem! a Imagem veio depois, porque o que me despertou a atenção foi o facto de ver senhoras devotas entrarem por uma porta, chegarem-se junto da Imagem, tocarem-na, beijarem-na e depois, saírem por outra porta.

A seguir chamou-me a atenção o resplendor que a Imagem tinha — certamente fora a devoção dos fiéis que o tinha posto — que reluzia e que achei de muito mau gosto... Mas, gostos não se discutem.

de repente, fixe-me na Imagem. E veio o deslumbramento. Era a Imagem do Bom Jesus, na Igreja do Bom Jesus, em Fão. O Senhor estava sentado, vestido com uma túnica roxa, coroado de espinhos e com a cruz aos ombros.

O Senhor ali: «sem distinção nem beleza, nem aspecto agradável. desprezado e repellido pelos homens, homem de dores, afeito ao sofrimento, é como aquele a quem se volta a cara, pessoa desprezível, da qual não se faz caso».

É assim que o Profeta O descreve.

O Senhor já fora ultrajado, cuspidado, vergastado, coroado de espinhos. Já lhe fora imposta a cruz. E ali sentado, diante de nós era a Imagem viva da Dor consentida, aceita, plenamente assumida.

Naquela imagem, não se via sinal nenhum de solenidade — não fora o resplendor...

mas dela desprendia-se uma Humildade, Uma Mansidão, um Abandono, uma Ternura, difícil de descrever. Sobretudo era a paz.

Lembrei-me das palavras, tantas vezes ouvidas e repetidas: «A Paz vos deixo. A Paz vos dou».



pensei: que significado têm para mim? Que significado têm para os outros? Só palavras e mais nada! E humildemente, mas mesmo humildemente, pedi ao Senhor Bom Jesus de Fão que desse aos outros, e a mim também aquela Paz.

Fiquei-me depois a olhar para dois postais que tinha nas mãos, e com a explicação que me foi dada; olhe que são feitos de pétalas de flores, colocadas, uma por uma, e todas na mesma direcção. Nenhuma pétala pode ficar deslocada, porque tem de fazer tudo de novo! Levam horas a fazer! E eu calculei...

Eram os tapetes que se fazem, dentro da Igreja, junto do altar, onde está a Imagem do Bom Jesus de Fão, a quando das Solenidades em Sua Honra. devem ser uma maravilha!

mas, o que não me sai dos olhos é Aquela Imagem do Bom Jesus, na Igreja do Bom Jesus, em Fão.

Fão, Agosto de 1987

1.Out.987

Teresa Barbosa
Diário do Minho

VIAJANDO PELO MINHO

Jovem regressado do Ultramar
Viajo pelas terras do Minho,
Para rever lugares, rios e o Mar!
A Serras, campos e prados verdinhos.

Como cavaleiro vitorioso da batalha
Visito Castelos, Igrejas e Cidades,
Meu Povo que no campo trabalha
E amigos da minha mocidade.

De melgaço, Monção, Valença do Minho;
Caminha, Âncora, Viana e Santa Marta,
De Ponte do Lima até à Barca é pertinho,
Vi Mar bonançoso e Rios de prata.

Lindas terras da Costa Verde
Deste meu Minho, terra abençoada!
Póvoa Lanhoso, Cabeceiras e Vila Verde,
Braga ...milénaria Cidade sagrada.

Barcelos dos Alcaides, Fragosos e Fão,
Na praia descanço nas dunas;
Enquanto as ondas vêm e vão
Lembrando-me de Vilarinho das Furnas.

Quando a água cobriu a Aldeia
E Vilarinho das Furnas desapareceu,
Coberta de água, de lodo e de areia
A catástrofe, como dilúvio aconteceu.

Gerês, com Céu limpo sem neblinas,
Banho-me em piscinas naturais
De águas limpas, transparentes e cristalinas,
Em seguida percorro caminhos rurais.

«A população de Fão gosta de futebol, mas quando é para ajudar...»

OPORTUNA ENTREVISTA COM ANTÓNIO CARREIRA

Tem sido uma revelação. Profissionalmente transcende o simples funcionário bancário para se revelar um homem de negócios com garra e ambição. Contem com ele. No futebol comporta-se como um empresário *tout court* ao serviço do C. F. de Fão.

Dinâmico, está em todas. Relações públicas fadado, recebe com fidalguia quer os directores de outros clubes, quer os elementos da arbitragem. Não se exalta, mais é determinado e firme a conversar. Não se exhibe: actua. Não diz que dá, mas resolve todas as situações que se lhe deparam.

É este timoneiro singular, o Presidente do C. F. de Fão, António Carreira que «O Novo fangueiro» vai entrevistar.

— Como foi que apareceu no futebol?

— Apareci no futebol por um convite que já me tinha sido feito por vários elementos de Direcção anterior com vista à formação do actual executivo, nomeadamente o Bernardino, o Pedras e outros que transitaram do anterior. Mais uma achega do dr. Carvalho de Matos e entretanto foi-se formando o elenco directivo e de tal forma que quando chegámos à Assembleia geral nós já tínhamos a lista devidamente alinhavada.

— Arrependido?

— Não, nunca. Eu não dou o tempo por mal empregue, apesar de todo um sem número de canseiras que dizem respeito ao futebol. Bem pelo contrário. É uma experiência muito agradável, é um conhecer de homens, de situações, de toda uma série de problemas ligados ao futebol que só nos enriquecem. Note-se que é a primeira vez na história do Clube Futebol de Fão que se está a jogar com três equipas e isto obriga a um esforço terrível, a umas canseiras enormes, mas o barco vai dar a bom porto.

— Que ajudas têm tido?

— Sobre esse aspecto só temos, eu e a Direcção, que lamentarmo-nos. Nunca imaginei que fosse um homem de fora da terra o principal patrocinador do C. F. de Fão. É o senhor Aníbal Soares. Além de patrocinador, já nos pôs as instalações do hotel à nossa inteira disposição. Isso tem que ser dito para comparar com os apoios praticamente nulos de toda uma população que gosta de ver futebol, é verdade, mas quando é para o apoiar, seja de que forma fôr, põe-se inteiramente à margem; nomeadamente os comerciantes cá do burgo estão-se pura e simplesmente marimbando para o futebol. Isso não é com eles.

— E quanto à Câmara?

— A Câmara Municipal decidiu-se há já uns anos a esta parte atribuir verbas às equipas consoante o escalão onde estão inseri-



A equipa do C. F. de Fão

das. Assim o Esposende, que milita na 3.^a Divisão Nacional, terá direito a verbas na ordem de uns milhares de contos; os da 1.^a Divisão Regional, como é o nosso caso, têm direito a esc. 250.000\$00, mais 50.000\$00 por cada equipa jovem. Note-se e eu friso bem: Câmara Municipal porque não vamos confundir C. M. com a J. de Freguesia.



António Carreira

— E da parte da Junta?

— Nada, absolutamente nada. E eu sei que em épocas anteriores era atribuído um subsídio ao C. F. de Fão. Isto é de lamentar ainda mais quando sei, todos sabemos, que a actual Junta de Fão, toda ela, pertenceu a direcções anteriores. Mesmo depois de a gente se lhe ter dirigido, nem uma linha obtivemos como resposta. Isto diz tudo.

— Como vai a rapaziada?

— Eu vou começar pelo escalão mais jo-

vem: os infantis. A equipa formou-se com trabalho incansável do João Pedras na sua formação e com todo o apoio dos restantes directores. Ao Max, que foi o teinador dos infantis, eu aproveito a oportunidade para publicamente agradecer em nome da Direcção todo o trabalho que teve e onde foi incansável, quer nos treinos propriamente ditos, quer no arranjar de material para a equipa.

— Sobre os juvenis lemos, quer no Jornal de Esposende, quer no Nascer de Novo, um comentário pouco prestigiante para os dirigentes do Fão. Houve razão para eles?

— É lamentável que quem mandou uma notícia dessas não se tenha importado em saber o que se passou na realidade. Mais: chocou-nos imenso porque imenso foi o trabalho em conseguir pôr as duas equipas (infantis e juniores) e funcionar. Quanto trabalho para arranjar material! E eu aqui mais uma vez agradeço a colaboração do Cândido Vinhas, por todo o calçado que forneceu ao C. F. de Fão para as três equipas. Todo esse esforço em arranjar equipamentos, viagens, foi conseguido a bem dos rapazes. Não houve nunca qualquer indiferença, apatia ou desprezo pelos infantis. Antes pelo contrário. Sucedeu que nós chegámos atrasados a um jogo que era para ser disputado com o V. de Guimarães e o árbitro teve o desplante de dizer que o desafio não se disputava pura e simplesmente porque o nosso delegado ao jogo João Pedras se enganou no campo onde ia ser disputado o

«A população de Fão gosta de futebol, mas quando é para ajudar...»

(Continuado da página 7)

referido encontro. Contudo nós não abandonámos os moços e tanto assim é que os miúdos ainda hoje vão para o campo de futebol treinar uma vez por semana com vista à próxima época. É lamentável que esses mesmos dois jornais tenham publicado tais notícias que só os desabonam. A nós, profundamente magoados, apetece-nos dizer como o poeta: «Essas resvelam na couraça da nossa indiferença».

Os juniores com o trabalho de Belmiro (filho) e com o Vassalo como treinador foram fantásticos.

O Professor Fernando Costa tem sido exemplar, quer como homem, quer como treinador. É um bom condutor de homens e até parece um elemento da Direcção. O bom ambiente que sempre reinou no seio da equipa deve-se particularmente ao bom trabalho de Fernando Costa, às boas relações entre Direcção-treinador-jogadores. A equipa trabalha como uma família e eu julgo que é precisamente aqui que reside o nosso segredo. Sem fazermos ondas, sem acenarmos com convites, nós lá vamos em 3.º lugar neste momento e com sérias perspectivas de ficarmos em 2.º lugar com acesso à Taça de Portugal.

— Perspectivas para o futebol de Fão?

— Muito sinceramente nós temos este ano um punhado de homens, temos meia dúzia deles que são homens que gostam do futebol. Que me desculpem aqueles que não forem mencionados, mas merecem de

certa forma que sejam destacados os dois Pedras, o Carneiro, os Belmiros, O Lomba, o Cardoso, o Bernardino; alguns deles tencionam continuar para a próxima época. Já me fizeram convite. Eu vou ter uns afazeres especiais na próxima época de certo modo incompatíveis com as tarefas do futebol. Por isso e em princípio eu julga que não vou continuar. Contudo esses homens gostam do futebol e trabalham por amor ao futebol. É por isso que até os jogadores afirmam que Direcção como esta não apareceu nenhuma. Por isso em termos de futuro eu penso que não vai haver problemas quanto à formação de um novo elenco directivo.

— Parece-lhe que Fão possui capacidade para manter um clube na Terceira Divisão Nacional?

— Em termos de Terceira Nacional, eu julgo que só se houver uns patrocinadores muito bons e se houver um apoio incondicional de todo o comércio e indústria da região. Caso contrário, Fão não terá condições para militar no Campeonato Nacional da Terceira Divisão.

Neste momento nós sentimos dificuldades económico-financeiras muito grandes. Se subíssemos de divisão e fôssemos disputar a Terceira, eu não sei como havia de ser. Deslocações, dias de semana fora, jogadores muito mais caros, e outros craques que se teriam de ir buscar, eu não sei onde se iria procurar tanto dinheiro.

Há quem argumente da seguinte forma: O Fão receberia da Câmara Municipal uma verba de 4.000 contos ao passo que este ano só recebeu esc. 350.000\$00. Sim, isso é tudo muito lindo mas não chega. É que 4.000 contos não são suficientes para pagar a treinador e jogadores em meia época.

— O Presidente da Assembleia Geral vai

ter dificuldade em arranjar o próximo elenco directivo?

— Daquilo que eu tenho ouvido falar aos meus colaboradores mais directos, eu penso que não. Embora neste momento não esteja autorizado a revelar o nome, há uma pessoa que embora não sendo de Fão poderá ser o homem forte para o futebol que a terra precisa. Neste momento não posso adiantar mais.

— Quem será?

Moita, carrasco.

De qualquer modo a gente de Fão deve fazer uma forcinha para que António Carreira, prestigiado Presidente do C. F. de Fão, continue a dirigir e a prestigiar o clube da terra.

Carreira já se sacrificou demasiado ao futebol, já se lhe dedicou tão de alma e corpo que dificilmente lhe dirá adeus.

É esta a nossa opinião.

PROVA DE CANOAGEM

Vai realizar-se no dia 17 de Abril a 4.ª Maratona de Fão em canoagem que será uma das três provas que pontuará para o Campeonato Nacional da modalidade.

A organização será da responsabilidade do Clube Náutico de Fão. Este jovem organismo já se encontra oficializado desde 17 de Outubro p. p.

É Presidente da Direcção o dinâmico Manuel Vieira. Na assembleia geral preside o dr. Carvalho Matos e é Presidente do Conselho Fiscal o dr. Armando Saraiva.

A equipa do Clube Náutico de Fão foi a equipa vencedora do torneio regional.

Agora só são precisos sócios para a nível agremiação. Atenção, estrangeiro.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moedas somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como da especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de epítetos e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4098 PORTO CODEX
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9/11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Então como se tem portado esse colesterol? Tem dado as subidinhas habituais? vamos ajudá-lo a trepar um pouco mais? Então lá vai:

BOLINHOS DE FIAMBRE

Farinha de trigo — 250 gramas.
Fermento — 30 gramas.
Manteiga — 50 gramas.
Banha de porco — 60 gramas.
Leite — 1 chávena das de café.
Sal - meia colher de chá.

Desfaz-se o fermento no leite e untam-se a seguir todos os ingredientes. Amassa-se bem, mas sem pôr mais farinha, nem sequer na tábua, e sem bater.

Depois estende-se a massa com o rolo e corta-se com a faca. Em cada bocado cortado põe-se um pouco de fiambre, enrola-se e passa-se por ovo.

deixa-se levedar num tabuleiro 20 a 30 minutos e vão depois ao forno.

QUEQUES ECONÓMICOS

Açúcar — 6 colheres de sopa.
Leite — a mesma quantidade.
Manteiga — 1 colher de sobremesa, bem cheia.
farinha — 150 gramas.
Ovos — 2.

Batem-se os ovos; junta-se-se-lhes o açúcar e volta a bater-se. A seguir junta-se o leite, a manteiga derretida e a farinha (com fermento).

Depois de muito bem mexida, a massa que daí resulta deita-se em pequenas formas untadas com manteiga e vai ao forno até cozer.

E por este mês, já está. Esperamos que o colesterol fique satisfeito e continue em ascensão...

Os votos de uma Páscoa Feliz e o habitual abraço da

TIA MARIQUINHAS

PÁSCOA EM FÃO

Ao contrário dos demais anos, o «Compasso» deste ano visitou o Hotel Ofir no próprio domingo de Páscoa e não na segunda-feira.

Eram 12,30 quando o Rev. Prior de Fão, P.e José Viar se apresentou naquela unidade hoteleira, acompanhado do seu séquito. A recebê-lo encontravam-se o Director e o Sub-Director, respectivamente Manuel Marques e João Luís Reis e ainda a Presidente da Câmara, Prof.^a D. Laurentina Torres e o Presidente da Junta Luís Viana.

O Director do Hotel recebeu o crucifixo e deu-o a beijar aos turistas e aos funcionários. No antigo salão de pequenos almoços foi celebrada missa pelo rev. P.e Telmo da Póvoa de Varzim que consigo trouxe o conjunto musical «Jovens da Lapa» e que abrilhantou as cerimónias religiosas reforçado com a presença de Segundo galarza que naquela estância de turismo tem estado a passar férias.

No final a Direcção daquele Hotel ofereceu a todos os presentes pão de ló e vinho do Porto. Gratos pelo convite.

Como nos demais anos, saíram em Fão dois Compassos. Um presidido pelo pároco local e outro pelo Rev. Manuel Coutinho.

ÚLTIMA HORA

Na madrugada de segunda para terça-feira alguns discolos, não de Fão com certeza, despedaçaram com golpes de picareta as portas do Templo do Bom Jesus para se introduzirem dentro do edifício.

Como não encontrassem nada para roubar, não provocaram danos.

*

Nessa mesma noite crê-se que os mesmos indivíduos entraram na igreja Matriz e arrombaram a caixa das esmolas.

*

A Câmara de Esposende já recebeu o projecto de iluminação do campo Artur Sobral, do C. F. de Fão.

*

A Direcção Geral de Portos deu 30 dias ao nosso amigo Alcindo (Madeireiro) para retirar aquela barcaça que se encontra ancorada ou abandonada junto à frente de Fão, lado da Gandra.

OFIR GOLF

Os responsáveis locais têm bem presente que um campo de golf será fundamental para o relançamento do turismo concelhio.

Sob a égide e impulso da Presidente da Câmara Laurentina Losa, foi já registada uma sociedade — Ofir Golf — com esse objectivo, que teve como signatários o dr. Francisco Sampaio, Presidente da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, o Eng. David Santos do Hotel Viana-Sol e José Polónia, do Porto.

Os terrenos situam-se entre as vilas de Fão e Apúlia, pois mantém-se o traçado do escocês Mackenzie que na década de 40 visitou a região a convite do saudoso Sousa mar-tins.

ENTRE PINHAL E MAR,
JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terrazas. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

PAGARAM ASSINATURAS

1986 — Ernestino G. Didier, Porto, 500\$00.
1986/87 — Dr.^a Maria Teresa M. Malheiro, Porto, 1000\$00; Carlos Manuel Arantes, Necessidades, 1000\$00; Alexandre Gonçalves Castro, Barcelos, 1000\$00. 1986/87/88 — Paulino Martins Alves, Fão, 2000\$00. 1987 — D. Alice Torres do Monte, Fão, 500\$00; António Soutelo, Fão, 500\$00; José Ramos da Silva, Fão, 500\$00; Mário de Jesus Ferreira, Fão, 1000\$00; D. Elvira Pires de Carvalho, Fão, 500\$00; D. Ana Maria Santos, Fão, 500\$00; D. Maria Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 500\$00; Luís Rodrigues Ferreira, Fão, 500\$00. 1987/88 — Manuel Joaquim de Sousa, Fão, 1000\$00; Angélico do Vale Miranda, Fão, 1000\$00; Manuel Boucinha Fernandes, Apúlia, 1000\$00; Artur António Silva Sobral, Fão, 1000\$00; Arlindo M. Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Carlos Alberto Brito de Sousa, Braga, 1000\$00; Rui Esteves, Porto, 1000\$00; Fernando Marques B. Rego, V. N. Gaia, 1000\$00; Manuel Adelino Rego, Porto, 1000\$00. 1988 — Manuel Parente de Oliveira, Porto, 500\$00; Restaurante Rita Fangueiro, Fão, 1000\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 500\$00; Artur Sobral, Fão, 500\$00; António Cândido Mota Lopes, Fão, 500\$00; Joaquim Hernâni Vinha Novais, Fão, 500\$00; Rev. P.e Dinis de Vilarelho, Gondomar, 850\$00; Fernando Marques Almeida, Porto, 850\$00; João Francisco Fernandes, Fão, 600\$00; João Emílio Sá Pereira, Fão, 500\$00; Ernestino Machado do Vale, Fão, 500\$00; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 750\$00; Guilherme Pereira Mendes, Lisboa, 1000\$00; Mário Ferreira, Fão, 1000\$00; Arq. António Gomes da Costa, Porto, 1000\$00.

NASCIMENTO

É pai pela 3.ª vez o nosso amigo dr. Carvalho Matos. Sua esposa, D. Maria Cristina presenteou-o com um simpático pimpolho, mas numa casa de saúde portuense.

Doutor: um dos factores de nacionalização, queremos dizer, de fanguieira é ter um rebento nascido entre-portas.

O próximo, já sabe...

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Professores e alunos da
Esc. Sec. de Esposende
Armando Duarte
José Ferreira Neves
A. Neves Francisco
Casanova
Avó Maria
Afrodite
Carlos
Allema
Jorge Santos
Tiago Duarte Oliveira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos SaraivaADMINISTRADORA:
Zífa SaraivaREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Clima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de VarzimAssinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguieiro» através dos Correios será por conta do assinante.

Da minha



varanda

por ZINHA

Mais uma vez aconteceu Carnaval em Fão, levado a efeito pelas nossas escolas primárias. Dado o impacto que teve esta actividade o ano passado junto da população, achou por bem o Corpo Docente da Escola, programar um cortejo em que pudessem participar pais, irmãos, familiares de todos os alunos, o que iria trazer mais movimento, mais vida à nossa terra. Feitas as devidas diligências nesse sentido (reuniões, contactos, alguns apelos a fim de serem evitadas quaisquer críticas a entidades ou instituições, dado que a Escola era o fulcro de toda esta actividade, tudo caminhava para que a festa se concretizasse. Professores e alunos andavam entusiasmados e preocupados com a organização do cortejo. Todos davam opiniões, a escola não tinha dinheiro para gastar, não havia subsídios nem tão pouco se pediu ajuda monetária aos pais ou entidades. Houve, no entanto, quem colaborasse com papel de cenário e um outro material de mais difícil aquisição, bem como os foguetes que de vez em quando estoiravam forte.

A abrir, e num tractor, ia o Mundo (um globo enorme feito com estrutura de madeira, arame, fio e depois todo forrado a tiras de papel, onde assentariam depois, em folhas de cenário, cortineretas e oceanos). Estávamos a ver que ele, depois de pronto, não sairia a porta mas... Lá passou com uma pequena amassadela. A ladeá-lo, as principais raças humanas e na frente, um cartaz que dizia: «Para quando um Mundo novo? (preocupação grande de todos nós). E a resposta, noutro dístico: «Para quando chegar, outro Bartolomeu...»

Pelas duas e trinta, o recreio da escola e a área em frente, eram pequenos para conter tanta gente, não só quem veio lá trazer as crianças como quem estava pronto a incorporar-se. Tínhamos ouvido dos alunos que os seus pais se vestiram de «viúvas porcinas», «sinhôzinhos Malta», «Donas Pombinhas», etc., etc., no entanto nunca e pensou que a população aderisse em massa e duma maneira tão entusiasta, tão rica de pormenor e de comportamento exemplar!

Os alunos olharam admirados as professoras, surpreendidas pelas suas fantasias até ali bem secretas e não escondiam o seu contentamento. As professoras queriam ver os seus capuchinhos vermelhos, as suas lavadeiras, cozinheiras, a bruxa marota e a inseparável vassoura, os super-homens, os zorros, as formiguinhas e as borboletas.

Que colorido e que variedade!

À frente a «fanfarra», a abrilhantar a festa (pois duma festa realmente se tratava) e logo a seguir pela ordem indicada, todos ocupavam os seus lugares. Por todo o lado, máquinas fotográficas, máquinas de filmar, gargalhadas, risos, espanto, palmas, alegria! Em enorme cortejo entrou-se na estrada nacional, para junto ao Chalet, se reunir a Escola das Pedreiras e respectivos acompanhantes. Daí foram percorridas as artérias principais da nossa Vila com breve paragem no largo dos Bombeiros onde se encontravam em palco por eles preparado, as autoridades que a escola achou por bem convidar.

Aí se exibiram um pouco melhor as figuras da telenovela, aí se deu «o milagre do

beato Salú», se apresentaram «as preservativas», arrancando o riso até às lágrimas de quem pôde apreciar. Aí se vendeu «bolacha americana» ou língua da sogra e se aproveitou para beber água pois o calor e o cansaço andavam já também de mãos dadas.

Por todo o lado se via muita gente, caras conhecidas e outras estranhas e foi com certa vaidade que ouvimos elogios achando até que era um cortejo bem mais bonito e variado que o de Ovar. Pena que não pudessemos apreciá-lo também (tínhamos de desempenhar o nosso papel), pois daríamos mais colorido àquilo que contamos.

Mas querem saber como é?

Venham para o ano, pois este carnaval da Escola, acho que veio para ficar!...

FRANCO NOGUEIRA nos rotários de Esposende

Franco Nogueira, antigo ministro de Sa-lazar, actualmente professor da Universidade de Livre, em Lisboa, veio a Esposende proferir uma palestra frente aos rotários locais, no dia 11 de Março, no Hotel Nélia, tendo por tema: Coordenadas da posição portuguesa.

Para receber o ilustre conferencista, o Rotary Clube de Esposende reuniu com o seu congénere de Barcelos, sob as presidências do dr. Alberto Vale e do dr. José Pimenta, líderes respectivamente do Clube de Esposende e de Barcelos. Presentes ainda rotários de outras terras, perfazendo um total de noventa pessoas.

Fez a apresentação do conferencista, expressamente vindo de Lisboa, o dr. Rui Agonia Pereira.

Na hora da sua intervenção, o dr. Franco Nogueira focalizou a sua conferência em três pontos: adormecimento da consciência nacional, regionalização e progressiva dependência de Portugal frente à Espanha que poderá chegar a um epílogo perigoso.

O conferencista expôs as suas ideias, polémicas sem dúvida, com uma lógica rigorosa, com uma dicção fluente e cativante que prendeu os ouvintes até a 1 hora da madrugada. Esclarecemos que a parte final foi preenchida com uma série de perguntas cujas respostas cada vez captavam mais a atenção dos circunstantes.

Deve dizer-se que as perguntas foram francas, porventura impertinentes, mas o dr. Franco Nogueira a todos respondeu com muito desportivismo, com poder de encaixe e muita inteligência.

As professoras do Posto da Teleescola de Apúlia deram conta aos rotários de Esposende de um caso que deveras as preocupava: tratava-se de um estudante muito dotado que por ser oriundo de uma família pobre e

numerosa — eram 10 irmãos — não poderia continuar os estudos. Poderiam os rotários fazer alguma coisa?

A missão dos rotários não é precisamente essa, isto é, atender casos particulares. Poderia acontecer no entanto que um qualquer rotário estivesse em condições de resolver a situação. E isso aconteceu mesmo. Escutada a mensagem daquelas professoras, o rotário Manuel Ferreira ofereceu-se para dar uma ajuda. O jovem apuliense poderia comer em sua casa e teria os estudos pagos até aos 14 anos. A partir daí empregar-se-ia nas organizações Nélia e continuaria com os estudos até onde quisesse.

A morte do Arquitecto Alfredo de Magalhães

A notícia foi-nos dada de chofre na manhã de quinta-feira. Morreu o Arquitecto Magalhães. Há pessoas que irradiam tanta força e optimismo que parecem imortais. Infelizmente morrem também e a sua morte surpreendeu-nos.

O nome do Arquitecto Magalhães cresceu na nossa consciência nimbado de uma certa áurea. Era um democrata valente que a Pide cercou mais de uma vez na sua casa de Ofir.

De resto foi um dos cabouqueiros da zona ofiriana, o braço direito de Sousa Martins, ou um dos seus braços direitos. Uma parte da fisionomia do novo Fão tem a sua lavra.

Político sempre insatisfeito acabou por ser Presidente da Câmara do Porto no anterior triénio. Foi um autarca polémico e discutível. Mas acima de tudo foi uma pessoa isenta e muito sério.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO